

DO ULTIMATUM DE 1890 AO ULTIMATUM DE 1917; DA INTERTEXTUALIDADE PESSOANA

Jorge Cury  
(UNESP - Araraquara)

Quando, a 13 de janeiro de 1935 (portanto alguns meses antes de sua morte, a 30 de novembro de 1935) e, depois a 20 de janeiro, Fernando Pessoa respondendo a Casais Monteiro a respeito da Gênese dos heterônimos, supunha-se que exegeticamente o problema do drama em gente estivesse solucionado. Até que ponto o truísmo F.Pessoa, autor da carta, estava fingindo ou ele mesmo travestido de um outro heterônimo? Com a publicação dos novos textos em prosa, todos sob a égide de F.Pessoa, com exceção do Livro do Desassossego atribuído ao semi-heterônimo Bernardo Soares, pode-se dizer que a heteronímia não se dá somente na poesia mas também na prosa. E é desta prosa que se pretende aqui discorrer, hoje.

Sabe-se, sempre louvando-se na referida carta, que Alberto Caeiro surge quando a inspiração chega, isto é, quando seu estado de alma é propício a encarar as coisas com uma atitude que se pode denominar, em terminologia filosófica, realista (surgiu a 8 de março de 1914; nasceu em 1889, morreu em 1915); que Ricardo Reis surge quando o seu domínio da Fúria (no sentido Camoniano/inspiração, estro, entusiasmo, fervor/: "Daí-me uma fúria grande e sonora/ e não de agreste avena ou frauta rude" (Os Lusíadas, I, 5.) sobreleva todas as exigências da sua mente. (surgiu em 1912; nasceu em 1887 e só irá falecer quando F.P. também tiver morrido), que é Álvaro de Campos quando se abandona aos ímpetos da sua irreprimível necessidade de evasão, e é pirata nos altos mares, e é "toda a gente e toda a parte" e, acima de tudo terrivelmente só, com os seus sonhos desfeitos e sua ansiedade cósmica (surgiu em 1914; nasceu em 15 de outubro de 1890, e foi a enterrar-se por F.Pessoa); que heteronimicamente é F.Pessoa sempre que um seu estado de alma encontra a natural descarga num poema.

Finalmente é Bernardo-Soares, seu semi-heterônimo, o que se parece com Álvaro Campos; "é um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afetividade" vide "Carta sobre a Gênese dos Heterônimos", in Páginas de Doutrina Estética, seleção, prefácio e notas de Jorge Sena, 2a. edição, p.p. 193-210. Talvez aqui neste seu semi-heterônimo é que se possa entender o que seja a "sua tendência para a despersonalização e o simulacro". O Livro do Desassossego, de Bernardo Soares, tem uma ligação lingüístico-temática com todos os heterônimos pessoanos e com o pró-

prio a que supostamente se chama de ortônimo. Há uma intertextualidade muito grande entre os mesmos.

Como afirma Jorge de Sena, na sua Introdução ao Livro do Desassossego, publicada postumamente e com lapso de algumas linhas in Persona, nº 3, de julho de 1979, com o título de "Um inédito de Jorge de Sena sobre o Livro do Desassossego":

"A publicação do Livro do Desassossego, / por tudo o que fica dito/, é por certo um acontecimento. Se nem todos os trechos são de igual valor, alguns serão da mais bela e mais penetrante prosa da língua portuguesa. Neles perpassam os temas às vezes mesmo fantasmas de estrutura, dos poemas de todos os heterônimos e ortônimos. Tudo o que a poesia plenamente realizada, ou a diversificada prosa, deles todos foi - está presente nestes fragmentos feitos da análise espectral das vivências que pululavam dentro do homem Fernando Pessoa, acotovelando-se e atropelando-se para ser ou, pouco a pouco, desvanecendo-se nas trevas inferiores, como espíritos que se cansam de comparecer à mesa de pé-de-galo a que os convocaram demasiadamente".

Lembramo-nos de que Bernardo Soares começa a escrever por volta de 1912 e seu último fragmento data de cerca de 26.07.1934. O heterônimo que escreveu em prosa foi Álvaro de Campos; além dos poemas publicados no Orpheu, em 1915, em diversas revistas, inclusive na Presença, está presente na poesia até ao ano de 1933. Ao lado do heterônimo Fernando Pessoa ou se se quiser o truísmo Fernando Pessoa, o que mais em prosa escreveu foi Álvaro de Campos.

É responsável pelo Ultimatum, in "Portugal Futurista" de 1917.

Portugal viveu ao longo de sua existência histórica, dramaticamente, sob o império do Ultimatum; o primeiro, o da Holanda ao governo da regente D. Luísa de Gusmão, no século XVII (viúva de D. João IV); o de Napoleão em 19 de julho de 1807, para que se fechassem os portos à Inglaterra e o 3º de que sucintamente trataremos, agora.

Em 1884, as potências europeias reunidas na Conferência de Berlim procuram dividir a África em zona de influência e o sonho do capitalismo português, de estender-se de Angola à como se dizia "Contracosta de Moçambique", é desfeito pelo imperialismo inglês. E, em 1890, precisamente no dia 11 de janeiro o país é sacudido por uma terrível crise. A Inglaterra, quebrando os acordos, exige que Portugal abandone territórios que lhe pertenciam e que estava ocupando, em Moçambique, e que eram de vital importância para as comunicações do hinterland (como diz Basílio Teles, in Do Ultimatum ao 31 de janeiro) com o mar.

O ultimatum desencadeou uma onda de antibritanismo e reabriu todas as feridas e todas as frustrações acumuladas contra o regime de D. Carlos I (1889-1908), tendo os republicanos procurado capitalizar a indignação nacional contra o fato do rei e governo se haverem curvado às exigências inglesas.

Em janeiro de 1891, foi sufocada no Porto a primeira revolução republicana; era o antimonarquismo da reação popular ao Ultimatum, que vai culminar com o

regicídio de 1910 e a proclamação da República.

O Ultimatum de Álvaro de Campos é de 1917 e pretende ser uma réplica aos anteriormente vividos por Portugal. Há de se buscar no movimento de Orpheu, em 1915, suas raízes se bem que no sentido inverso. Se Orpheu pretendeu escandalizar a sociedade literária portuguesa adormecida pela vivência do Decadentismo, conseguiu-o. A proposta de um novo código poético se não instantaneamente mas ao longo dos anos foi sendo assimilada no contra-modernismo da Presença, paradoxalmente para aqui trazida. Se a Presença não continuou o vanguardismo proposto por Mário de Sá-Carneiro e Álvaro de Campos, pelo menos procurou adaptar Portugal às novas exigências intelectuais.

Orpheu surgiu vanguardamente, portanto antes de seu tempo. O esteticismo de 1915 vai transformar-se em futurismo de 1917. Álvaro de Campos, arrebatador cosmopolita, cosmicamente civilizado, será o irreverente iconoclasta, panfletário demolidor, futurista por vocação e saudosista por convicção do Ultimatum de 1917 (reflexo do programa de heterônimo do truísmo Fernando Pessoa). Agora não é a pequenez de Portugal que está sendo julgada. É toda a Europa culta; são os signatários do Tratado de Berlim, que serão farpeados pelas palavras de Álvaro de Campos.

Basílio Teles diz-nos: "Qualquer que seja o destino reservado à pátria portuguesa, o 11 de janeiro de 1890 ficará sendo para ela uma data memorável. Este dia valeu séculos; este momento, à semelhança de outros que conhecemos da História, resumiu, na sua intensa brevidade, todo um passado doloroso, e esboçou, numa fórmula indecisa, o segredo de um futuro perturbante. Foi com certeza um epílogo e será também um prólogo" (idem, ibidem, p. 7).

É deste prólogo premonitoriamente vislumbrado pelo estadista que vai tratar o Ultimatum de Álvaro de Campos.

A literatura fin-de-siècle decadentista européia é violentamente atacada por Álvaro de Campos, talvez por ser ele um racionalista ambivalente, cujo pensamento se desenvolve sempre conforme a dialética senhor/escravo, e os intelectuais são por ele derrolidos a começar por Anatole France, por seu esteticismo evasionista passando por Pierre Loti, criador do gênero romance colonial; Maurice Barrès, por seu anti-semitismo (e sabe-se que F.P. tem raízes ascendentes açorianas e cristãs novas); Paul Bouget, pelo seu esnobismo católico-tradicionalista; Kipling por ser o poeta do imperialismo inglês; Bernard Shaw, por suas atitudes progressistas; H.G. Wells, por seu "Progressismo", empregando as "maravilhas da técnica"; Chesterton, por introduzir o renascimento católico na Literatura Inglesa; Yeats, irlandês, talvez, porque gostava de esconder-se atrás de máscaras fantásticas, por seu antimaterialismo acristão ou anti-cristão; D'Annunzio, por sua literatura insincera e ambiciosa, sem originalidade e plágiosa; Maeterlink (exorcizando Pessoa quem lhe inspirava algumas poesias, mais O Marinheiro, drama estático, de 1913) e Rostand, por sua eloquência nacional do culto

da forma.

Ataca os países europeus por seus dirigentes: Guilherme II, da Alemanha, a quem hostilizou por ver nele, supostamente, um êmulo cabalístico, no esoterismo da Besta Apocalíptica; carecia de estatura psíquica para ser contraposto a Cristo, em qualquer sentido da contra posição; Aristide Briand, chulo, analfabetíssimo representante do país, da mais fácil cultura clássica do mundo; este é o mesmo político que viria a receber o prêmio Nobel da Paz em 1926, e como não podia deixar de ser, o representante da Inglaterra, Lloyd Georges, político sem escrúpulo.

Investe com o que de mais representativo cada país europeu possui: é "a falência geral de tudo por causa de todos": Itália, cão de colo charado César; França, gado depenado; Império Britânico representado por Lord Herbert Kitchener, apaziguador da guerra dos Boers (1902) e morreu no mar; Alemanha espartana, misticamente revestida de Lutero e Nietzsche; Brasil, blague de Pedro Álvares Cabral; Portugal enxovalhado pela Monarquia e apodrecendo na República, bastardamente guerreando em África; o imperialismo espanhol enterrado em Marrocos.

No que chamariam os 5º apartado ou fragmento, observa-se pela primeira vez a palavra na dialética senhor/escravo desenvolvida por todos os heterônimos pessoais; é a palavra como centro de diferença ontológica do existir e do existente e como traço fundamental da auto-realização humana.

"Vós que confundis o humano com o popular, e o aristocrático com fidalgo! Vós que confundis tudo, que quando não pensais nada, dizeis sempre outra coisa!" In Os Modernistas Portugueses, Vol. I, p. 17.

Depois de decretar o mandado de despejo aos mandarins da Europa, com um solene palavrão que faria ruborizar o próprio Cambronne (Pierre) em Waterloo, proclama com a autoridade que lhe advém de ser do "país dos Navegadores e dos Descobridores" três coisas: "a lei de Malthus da sensibilidade"; a "necessidade da adaptação artificial" e a "intervenção cirúrgica anti-cristã". E o número 3 cabalisticamente passa a ser explorado sempre envolvendo-se com entidades fundamentais do homem: política; arte; filosofia. E o ideário pessoal ou como se quer o estatuto do drama em gente está todo aqui codificado:

- em política, o homem que seja, em si-próprio, o maior número dos outros;
- em arte, o artista seja a síntese-soma; o artista só tem o direito de exprimir, em arte, o indivíduo que sente por vários;
- em filosofia, será maior filósofo o que maior número de filosofias espontâneas alheias concentrar e nos resultados finais teros a proclamação solene, sintética do Álvaro de Campos, poeta travestido de

Fernando Pessoa: "Sentir tudo em todas as maneiras"  
"Sê plural como o Universo"  
"Toda a gente e toda a parte".

Qual é o sentido do Ultimatum de Álvaro de Campos?

É uma réplica àquele que provocou nos portugueses momentos de pânico e desespero, no momento em que Portugal comemorava com efusão e entusiasmo o tricentenário de Camões, conseguindo, talvez, pela primeira vez reunir os republicanos e monarquistas. Que é que representava Camões, tão maleficamente desprezado por Fernando Pessoa? Simbolizava objetivamente a Redenção humana através do Heroísmo português e do Amor; a nacionalidade e o mito saudosista de um passado brilhante e dissipado pela aventura de Alcácer-Quibir.

O sebastianismo estava no ar, mitificado, agora, pela aventura africana que fora frustrada pelos ingleses. Também em Vieira, principalmente em Vieira, vamos encontrar o mito em condições culturais inteiramente diferentes daqueles em que vive Álvaro de Campos / Fernando Pessoa, e naquele caso ergue-se o conceito de sinceridade (que poderá ser matéria de puro jogo, um gosto do paradoxo) que é diferente do de "fingimento".

Lá teríamos assim desenvolvido o mito do 5º império: 1º Babilônia; 2º Medo-Persas; 3º Grécia; 4º Roma, 5º Portugal?

Aqui teríamos sob a égide cultural a seguinte disposição:

1º império espiritual, Grécia; 2º Roma; 3º Cristandade; 4º Europa laica depois da Renascença e 5º Portugal; voltaremos ao texto.

E o super horror de Álvaro de Campos tem de nietzschiniano o profetismo do entusiasmo dionisíaco; proclamador da morte do Deus cristão e do seu moralismo ascético, percebe-se o cristianismo o grande inimigo da vitalidade; pois o seu domínio sobre as consciências ameaça a civilização europeia e a arte passa a significar o último valor permanente num mundo decadente e apodrecido. Arte revestida do super-horror que é o anti-Cristo (pois a civilização não será mais cristã) miticamente travestido no Encoberto.

Alguns traços intertextuais da família Pessoaana poderão ajudar no entendimento do texto do Ultimatum: "a erradicação por uma cirurgia profunda dos laivos do cristianismo", p. 25 ss

Ainda com referência à carta de F. Pessoa a Adolfo Casais Monteiro sobre a gênese dos heterônimos há um parágrafo sempre omitido por Casais, em obediência do P.S. de Fernando Pessoa, refere-se ao ocultismo.

É como que um atestado de IDENTIDADE RELIGIOSA:

"Cristão gnóstico e inteiramente oposto a todas as religiões organizadas, e sobretudo à Igreja de Roma. Fiel à tradição secreta do Cristianismo que tem íntimas relações com a tradição secreta em Israel (a santa cabala) e com a essência oculta da Maçonaria".

Sabe-se que F.P. abominava a Igreja Católica e o Cristianismo e a figura de Jesus Cristo: "O cristianismo, historicamente considerado, é um produto complexo.

A sua essência, ou parte metafísica é grega, é platônica; e com razão se pode dizer que foi Platão o vero fundador do Cristianismo..."; "quanto à pessoa do Fundador do Cristianismo, a própria existência dela é indeterminável, a complexa inautenticidade dos Evangelhos, as interpolações das Epístolas de Paulo, as falsificações de textos e testemunhos na primitiva literatura da seita, tornar hoje impossível qualquer opinião que timbre em pressumir de segura. São Paulo, omitindo das Cartas que lhe atribuem dois ou três textos reconhecidamente interpolados, não conhece um Cristo com biografia, senão uma abstração redentora e divina", in Ultimatum e Páginas de Sociologia Política, introdução e organização de Joel Serrão, Ática, 1980; pp. 209-210.

Aceitava o 4º evangelho porque este acentua a presença da salvação de um modo tal, que roça pelos limites de certas formas de Gnose (vários textos conhecidos documentam a sua confessada veneração pelos Templários. Raul Leal que conheceu Fernando Pessoa garante que a iniciação esotérica - "por concentração espiritual e adequação de tendências" - dele /Pessoa/ era um fato, ainda corroborado por possíveis ligações com uma restauração da Ordem do Templo" in Jorge de Sena. O Poeta é um fingidor, Ática, s.d.; p.54).

(Esse mesmo Raul Leal contou que a discrepância entre o horóscopo levantado por Fernando Pessoa, para si mesmo e o que ele /Leal/ fizera, era de dois anos, pelo que F. Pessoa morreria em 1937, como pensava, mas que lho não dissera, para o não entristecer mais ainda. Assim se justificaria que F.Pessoa não tivesse querido que se chamasse o médico (que, também, se pensasse que morria seria inútil), como lhe teria dado tempo de fazer desaparecer todos os heterônimos" Mécia de Sena, in Fernando Pessoa & Cia Heterônima, de Jorge de Sena, 1º volume, edições 70, 1982, nota à p.233.) Os seus corretivos, porém, marcam a diferença. A presença da Salvação é válida para a fé. A futuridade não é excluída, mas antes atualizada. São João não emprega frases apocalípticas para exprimir a verdadeira futuridade. O futuro, de fato, constitui a orientação da fé. São João conhece naturalmente a expectativa da parusia (como a da ressurreição e do juízo). Ele não a exclui, mas a integra na compreensão atual da salvação.

Como leitor assíduo do Novo Testamento, pode-se perceber o intertexto no sintagma "sentir tudo de todas as maneiras", a média proposta por Álvaro de Campos para a realização da criação científica do super-homem. O clichê está em São Paulo

que o emprega para expressar a ubiqüidade de Cristo:

Ef. 1,22-23; Col. 1,18-19+; 1. Cor. 12,6.

Ef. 5,23 s; Col. 3,11; 1. Cor. 15,28.

Na proclamação final quando propõe a Harmonia para a organização da Utopia, também aqui há uma réplica ao mundo judeu-cristão que crê na Queda, a causa da desarmonia não só entre os homens, mas de toda a natureza, até que o final dos tempos todo o universo seja cristificado.

E esse super-homem de raízes nietzschianas não seria profeta anunciando o reino do super-homem solipsista luciferinamente lúcido autor de O Guardador de Rebanhos?

Não estaria também Álvaro de Campos diagnosticando Cristianismo o grande inimigo da vitalidade só comparável ao moralismo racionalista de Sócrates que estragou a civilização grega? E a perda da vitalidade não é o grande mal que está a sepultar a civilização Fin-de-siecle e que chega às raias do absurdo com o caos político-social em que se encontra Portugal? E a arte superior dos iniciados, "que confinam a sua existência à criação estética e para quem tudo é "criação" (JS) é a resposta.

Finalmente, a proclamação querigmática "na barra do Tejo, de Costas para a Europa, fitando o Atlântico e saudando abstratamente o Infinito" será uma paráfrase à fala do Velho do Restelo, ao final do Canto IV de Os Lusíadas, que conclui a História e representa os próprios considerandos abstratos do poeta que irão concretizar-se no desespero pessoal quase ao fim do canto X; queixa-se com amargura da decadência em que via sua pátria abismar-se e da indiferença pelas letras.

Os feitos imperialistas portugueses, dialeticamente transudados em epopéia, e a épica pessoana se realiza, por um Super-Camões, em Mensager, que extrai da gênese do autor o atavismo semítico do Encoberto.

Mensager será então a resposta mítica de um novo império, qual fênix renascida do despejo ultimático e Fernando Pessoa esotericamente a corporificação do novo tempo, abstrata e utopicamente.